

338.981

E63

TRA

Nota

MINISTÉRIO DO PLANEJAMENTO E COORDENAÇÃO GERAL
(ESCRITÓRIO DE PESQUISA ECONÔMICA APLICADA (EPEA))

M. P. C. G. - Instituto de Pesquisa
Econômico-Social Aplicada - (IPEA)
SETOR DE DOCUMENTAÇÃO

NOTA SOBRE A SITUAÇÃO ECONÔMICO-SOCIAL DO NORDESTE

IPEA
128

MINISTÉRIO DO PLANEJAMENTO
INSTITUTO DE PESQUISA
ECONÔMICO-SOCIAL APLICADA
(IPEA)
F N.º 2746
Data 7 / 6 / 68

ÍNDICE

Página

<u>ASPECTOS DEMOGRÁFICOS E DE EMPREGO</u>	1
<u>ESTRUTURA DA ECONOMIA E CRESCIMENTO DO PRODUTO</u>	1
<u>INFRA-ESTRUTURA</u>	2
<u>Transporte Rodoviário</u>	2
<u>Transporte Ferroviário</u>	2
<u>Portos - Transporte Marítimo</u>	3
<u>Energia Elétrica</u>	3
<u>Abastecimento d'Água e Saneamento Básico</u>	3
<u>INDÚSTRIA</u>	4
<u>Estrutura e Crescimento</u>	4
<u>Setores Potenciais para o Desenvolvimento Industrial.</u>	5
<u>AGROPECUÁRIA</u>	5
<u>Pecuária</u>	6
<u>COMÉRCIO</u>	6
<u>ASPECTOS FINANCEIROS</u>	7
<u>ASPECTOS SOCIAIS</u>	8
<u>Recursos Humanos</u>	8
<u>Saúde</u>	8
<u>CONCLUSÕES</u>	10

NOTA SOBRE A SITUAÇÃO ECONÔMICO-SOCIAL DO NORDESTE

ASPECTOS DEMOGRÁFICOS E DE EMPREGO

O Nordeste brasileiro possui atualmente uma população estimada em 30 milhões de habitantes, o que representa cerca de 30% da população do País. A superfície dos 9 Estados que o compõem, 1.550.000 km² aproximadamente, perfaz 18% do território brasileiro. A densidade demográfica estimada é de 17 hab/km², em média, (Brasil 9,8 hab/km²), variando desde Alagoas com 51 hab/km² até Piauí com 6 hab/km².

A população rural é predominante: 66% do total (Brasil 55%).

Em termos de crescimento, a população residente no Nordeste evoluiu no período de 1950 a 1960 a um ritmo de 2,2% a.a., bem inferior à média nacional de 3,1% a.a. observada no mesmo decênio.

O fluxo de migrações para outras áreas do País é, em parte, responsável pelas taxas de crescimento inferiores registradas no Nordeste. Nesse particular, a taxa de crescimento da população rural entre 1950 e 1960, de apenas 0,6% a.a. (Brasil 1,6% a.a.), parece indicar que o êxodo rural foi bem mais acentuado nessa área, enquanto que em relação à população urbana a taxa de crescimento do Nordeste atingiu 4,9% a.a., bastante próxima à média nacional de 5,4% a.a. para o decênio em questão.

No que concerne à população economicamente ativa, o Nordeste em 1960 contava com 70% dedicados ao Setor Primário, 8% apenas no Secundário e 22% no Terciário. No Brasil como um todo, nesse mesmo ano, o quadro de emprego da população ativa era o seguinte: Primário 54%, Secundário 13% e Terciário 33%.

ESTRUTURA DA ECONOMIA E CRESCIMENTO DO PRODUTO

O produto gerado pela economia nordestina alcançou em 1962 NCr\$ 833 milhões de cruzeiros correntes, o que corresponde a 17% do Produto Interno do País. Em 1950/52 essa proporção era de 16%, em média.

Em termos de renda per capita houve no período uma relativa melhoria para o Nordeste em relação ao País como um todo. Em 1950/52 o índice de renda per capita do Nordeste representava apenas 36% do nível de renda média do brasileiro. Em 1962 essa proporção sobe a 48%, ou seja, NCr\$ 35,00 de renda per capita no Nordeste e NCr\$ 73,00 no País.

Na composição do Produto Regional, os dados refletem

uma preponderância acentuada do Setor Agropecuário sobre a indústria. Assim, em 1962 (último para o qual há levantamento direto), o Setor Agropecuario participa com 46% do total do Produto do Nordeste, os Setores Industriais e de Serviços com, respectivamente 19 e 36%. Para o Brasil, nesse mesmo ano, a composição é a seguinte: Agropecuario 35%, Industria 28% e Serviços 37%.

No que se relaciona ao crescimento real da economia Nordestina é interessante salientar o papel da SUDENE. Entre 1949 e 1964, a taxa de crescimento do Nordeste evoluiu à média de 4,4% ao ano, inferior à alcançada pela economia nacional, que atingiu 5,3% a.a. no período em questão. Tomando-se como marco de referência a criação da SUDENE em 1959, verifica-se que entre 1949 e 1959 a taxa de crescimento foi de 3,2% a.a., e já no período de 1960 a 1964 essa taxa atingiu em média 6,2% a.a., resultado que se afigura bastante expressivo, sobretudo levando-se em consideração que boa parte dos investimentos carreados para a área ainda não maturaram plenamente.

INFRA-ESTRUTURA

Transporte Rodoviário

A rede rodoviária interna do Nordeste é bastante precária, constituindo sério obstáculo à integração dos mercados com as fontes de produção. No entanto, as ligações rodoviárias com o Centro-Sul melhoraram sensivelmente desde 1959 com a construção da BR-101, BR-104 e BR-316.

A extensão da rede rodoviária nordestina em 1964 compreendia 117 mil km de estradas, representando 21% do total brasileiro. Apenas 3% das rodovias da região estão asfaltadas. Uma parcela ponderável do Sistema Rodoviário do Nordeste é de responsabilidade da União pois, nessa área, estão localizadas cerca de 36% das rodovias federais brasileiras. Convém salientar ainda que, enquanto a região possuía em 1964, 121 km de estradas por 1.000 km² e 69 km por 10.000 habitantes, os índices médios para o Brasil nesse mesmo ano corresponderam, respectivamente a 64 e 69 km.

Transporte Ferroviário

Esse setor perdeu substancialmente a sua importância com o desenvolvimento rodoviário, e apresenta-se bastante precário, tanto no que diz respeito ao material rodante, como linhas, conservação e armazenagem.

Existiam no Nordeste, em 1963, 8.200 km de linhas, ou seja 23% das existentes em todo o País; do total, somente 23% eram eletrificadas.

Portos - Transporte Marítimo

Embora mais de 50% da população do Nordeste e cerca de 75% de sua produção estejam localizados numa faixa litorânea de aproximadamente 100 km de largura, esse meio de transporte encontra-se pouco desenvolvido, não somente face aos problemas de caráter nacional desse setor, como também pela deficiente estrutura portuária da área.

Existem na região apenas 6 portos organizados (Natal, Cabedelo, Recife, Maceió, Salvador e Ilheus). As extensões de cais acostáveis (6,3 km) são bastante curtas, a capacidade de armazenagem é pequena, os portos carecem de dragagem e os equipamentos portuários (guindastes, pontes, etc.) são insuficientes, obsoletos e em mau estado de conservação.

Energia Elétrica

Em 1964 a capacidade instalada na região atingia 492.000 kw, ou seja, 9,2% do total do País. O consumo anual per capita nesse ano alcançava 69 kwh/hab, enquanto a média brasileira elevava-se a 295 kwh/hab.

É interessante notar que, em relação ao consumo industrial, Pernambuco consumiu 50% do total nordestino, o Piauí absorvendo apenas 3,5%.

Quanto ao potencial hidroelétrico, estima-se que atualmente o Nordeste alcance cerca de 18 milhões de kw (Brasil 85 milhões), sendo que 13 milhões localizados no Rio São Francisco.

Em 1967 espera-se que a capacidade instalada da CHESF atinja 615.000 kw e em 1968 deverá entrar em operação a primeira etapa da COMHEB (Companhia Hidroelétrica de Boa Esperança), com 56.000 kw, a qual servirá ao Maranhão, Piauí e Ceará.

Abastecimento d'Água e Saneamento Básico

Sabe-se que atualmente existem na região aproximadamente 170 cidades com sistemas de abastecimento d'água funcionando, atendendo a cerca de 2.200.000 pessoas, ou seja apenas 22% da população urbana.

Na área do Nordeste, restam, ainda, cerca de 1.600 cidades, que em seu conjunto abrigam 6.000.000 de pessoas, sem um sistema sequer razoável de abastecimento d'água e de esgotos sanitários.

Ao lado disso, nada menos de 400 cidades possuem obras de abastecimento e esgotos iniciadas e não concluídas, como indicador bastante expressivo de inexistência de um programa coordenado para solução do problema.

INDÚSTRIA

Estrutura e Crescimento

Na estrutura industrial da região, a indústria manufatureira responde pela quase totalidade da produção regional, com uma nítida predominância de bens-de-consumo. De fato, em 1962, enquanto na região as indústrias produtoras de bens-de-consumo geraram 71% do valor da transformação corrente, as de bens-de-capital e bens-intermediários contribuíram com 29%. No Brasil essas participações corresponderam a 41% e 59%, respectivamente.

Em outros termos, êsses dados relativos à indústria do Nordeste evidenciam que o setor se encontra ainda em fase incipiente, muito embora engajado num processo de substituição de importações em relação ao resto do País, principalmente.

Entre 1955/62, alterou-se bastante a estrutura industrial da área, pois a participação das indústrias de bens-de-capital e bens-intermediários, em termos reais, evoluiu de 17% para 31% da produção total da indústria manufatureira. Com respeito a cada um dos ramos incluídos nesse grupo, destacam-se as indústrias químicas e farmacêuticas, materiais de transporte e minerais não-metálicos, cujos aumentos de participação foram superiores a 100%. A perda de posição das indústrias de bens-de-consumo foi consequência do decréscimo verificado na indústria têxtil (-2,0% a.a.) e no pequeno crescimento verificado na indústria alimentícia (2,4% a.a.). Êsses dois ramos responder por cerca de 60% do valor da transformação regional.

O setor industrial respondeu, em 1964, por 15,1% do produto total da região (12,7% em 1947), e sua taxa de crescimento alcançou 5,6% a.a. entre 1949/64, dado que bem denota o seu dinamismo. Nesse particular, convém notar o importante papel desempenhado pelos incentivos fiscais no crescimento desse setor, pois, somente até agosto de 1966, já haviam sido carreados para a área cerca de NCr\$ 500 milhões que, dada a contrapartida de recursos próprios significam fundos de aproximadamente NCr\$ 1 bilhão de cruzeiros para investimentos que, em sua quase totalidade, têm beneficiado esse setor.

No tocante à distribuição espacial dessas indústrias, verifica-se que Pernambuco (43% do total), Bahia (18%), e Ceará (12%) concentraram 73% do valor da transformação regional em 1962. No primeiro Estado predominam as indústrias de Papel e Papelão, Materiais de Transporte, Material Elétrico, Metalúrgica, Minerais não-Metálicos, Produtos Alimentares e Bebidas, que contribuíram com mais de 50% da produção regional em seus respectivos ramos no referido ano. Na Bahia mais de 50% da produção regional industrial é gerada nas indústrias química e farmacêutica, de Borracha e de fumo. No Ceará destacam-se as indústrias mecânica, madeireira e têxtil.

No que concerne às indústrias extrativas da área, destaca-se a atividade salinícola, que representou, em 1962, cerca de 90% da produção nacional; a extração de petróleo e magnésita da região representa praticamente, toda a produção nacional e a do minério de chumbo 65% da produção total do País.

Fatores Potenciais para o Desenvolvimento Industrial

Os projetos aprovados ou em análise pela SUDENE, e os estudos gerais realizados indicam uma série de grandes oportunidades industriais na área. Em primeiro lugar, existe a possibilidade de estabelecer um complexo industrial em torno das oleaginosas. Seus produtos já são exportados em escala considerável, mas em grau relativamente baixo de elaboração. Da Alagoas delineia-se a perspectiva da criação de um complexo industrial em torno do sul-gema. Na Bahia, a petroquímica, embora já coberta por diversos projetos, ainda está longe de ter sido inteiramente explorada. A criação de um complexo em torno do açúcar encontra presentemente algumas dificuldades, mas esse fato não implica que inexistam boas possibilidades para o aproveitamento dos subprodutos da indústria açucareira. A par dessas oportunidades merecem destaque, as possibilidades da industrialização da pesca, de frutas cítricas e de couros e peles.

AGROPECUÁRIA

No período 1955/62 a produção agropecuária, real, cresceu de 38%. Esse aumento resultou de um acréscimo de 43% na produção agrícola e de 30% na produção pecuária.

O fato de 70% da população ativa do Nordeste em 1960 estar empregada nesse setor e a participação da agricultura no produto interno da região ter alcançado 39% em 1961, evidenciam a importância do setor na economia do Nordeste. No que se refere à participação do Nordeste na produção agrícola do País, evidenciamos um crescimento de 19% para 23%, entre os períodos de 1948/52 e 1958/62.

A agropecuária da região caracteriza-se pela predominância do latifúndio e pela monocultura da cana-de-açúcar na zona úmida litorânea; pela criação e a pecuária diversificada, em áreas e grandes propriedades, nas zonas semi-úmidas; finalmente pela predominância da pecuária na zona seca, acompanhada de alguns produtos que se adaptaram a essa zona, principalmente o algodão.

No tocante aos principais produtos cultivados na região, somente o algodão (27%), cana (13%), mandioca (11%) corresponderam a cerca de 65% do valor da produção agrícola no ano de 1955. Ainda nesse ano, constata-se que, enquanto as matérias-primas contribuíram com 38% da produção, os produtos alimentícios

participaram com 52%.

O crescimento da agricultura do Nordeste foi de tipo extensivo.

A área ocupada pelos 15 principais produtos da região aumentou de 34% entre 1955/61, enquanto a produção agrícola total cresceu de 37% no mesmo período. As técnicas empregadas são ainda rudimentares e o grau de mecanização bastante baixo. Em 1960 existiam apenas cerca de 3.000 tratores e 21.000 arados, que configuram, respectivamente, 5 e 2% desses implementos existentes do País.

Quanto à propriedade agrária, constata-se a existência de estruturas latifundiárias e minifundiárias. Em 1960 as explorações de menos de 10 hectares representavam 61% do número de estabelecimentos e cobrindo apenas 4% da área total, enquanto que as explorações de 1.000 e mais hectares representando 0,5% do número de propriedades ocupavam 30% da área nordestina.

Pecuária

O Nordeste possuía, em 1964, 16 milhões de bovinos, 1 milhão de caprinos e 14 milhões de suínos, que correspondiam, respectivamente a 20%, 78% e 21% dos totais brasileiros, ocupando assim expressiva posição.

Os bovinos e suínos concentram-se principalmente nos Estados do Maranhão, Piauí e Bahia.

Embora a região reúna boas condições para o desenvolvimento da pecuária, o gado nordestino apresenta produtividade bastante baixa, em virtude de manejo inadequado, deficiência de alimentos e falta de defesa sanitária.

COMÉRCIO

O giro comercial do Nordeste, em 1964, atingiu o equivalente a 11% do total nacional, registrando o decênio 1955/64 oscilações em que essa participação não foi além de 9,8% como ocorreu no ano da seca de 1958.

Contribuem as atividades comerciais em cerca de 15% do total da renda gerada no Nordeste (1960). Bahia e Pernambuco por seu lado são responsáveis por 50% do total da renda resultante do comércio.

No que concerne ao comércio por vias internas com outras regiões, em 1960 a Região Centro-Sul absorveu 54% das exportações nordestinas e supriu mais de 60% do valor de suas importações.

No que respeita ao comércio por cabotagem as exportações tiveram nesse ano como destino a Região Centro-Sul (41%), Leste (46%) e Norte 13%.

No que respeita ao mercado externo de exportação, em 1964, contribuiu o Nordeste com cerca de US\$ 180 milhões (13% das exportações do Brasil); em 1961 essa participação foi bem maior, pois, os US\$ 236 milhões exportados naquele ano chegaram a representar 18% das exportações nacionais.

O algodão em 1964, participou com 16% das exportações da área. Tem sido, no entanto, bastante oscilante o valor das vendas externas desse produto: US\$ 30 milhões em 1955, US\$ 5 milhões em 1959, US\$ 50 milhões em 1961.

quanto ao cacau, a partir de 1958 vem decrescendo paulatinamente a cifra relativa às exportações: US\$ 111 milhões em 1958 para US\$ 44 milhões apenas em 1964, nesse último ano representando 24% do volume das exportações do Nordeste.

Ao contrário, o sisal e agave até 1964 (US\$ 35 milhões exportados) apresentam um coeficiente crescente na pauta de exportações dessa região (19% do total).

O açúcar, com exceção do ano de 1956, apresenta um quadro mais harmonioso, resultando as vendas externas desse produto em US\$ 33 milhões em 1964, ou seja, 18% do total das exportações nordestinas para o mercado externo.

ASPECTOS FINANCEIROS

Contava o Nordeste, em 1964, com 734 estabelecimentos bancários, ou 10% do total nacional. Desses estabelecimentos, aproximadamente 40% estavam localizados nas capitais, o que dá uma primeira indicação da centralização da rede bancária regional, e conseqüente deficiência na interiorização do crédito. Nesse mesmo ano, de 1.546 municípios existentes no Nordeste, somente 215 contavam com estabelecimentos de crédito, ou seja, apenas 14%.

Em 1964, os empréstimos na região alcançaram RCr\$ 516 milhões, e corresponderam a 6% dos empréstimos efetuados pelo Sistema Bancário Brasileiro. A indústria absorveu 31% desses recursos, o comércio 25% e a agropecuária 29%. No que tange à distribuição por unidade da região, verifica-se que Bahia (26%), Pernambuco (27%) e Ceará (15%) receberam 68% dos recursos emprestados na área. Essa alta absorção pelos referidos Estados justificou-se pelo fato de essas unidades concentrarem cerca de 70% da produção total da região.

Do montante de recursos emprestados, o Banco do Nordeste Brasileiro - BNB, contribuiu com 12%, o Banco do Brasil com 41% e a rede de bancos privados com o restante, ou seja 47%.

Como o BNB e o Banco do Brasil atuam na área como Bancos de Desenvolvimento, os créditos especializados (Agricultura e Indústria) nesses estabelecimentos corresponderam respectivamente a 30% e 40% dos seus empréstimos. Os Bancos Privados atuam mais na faixa comercial, fornecendo, em geral, crédito para capital-de-giro.

ASPECTOS SOCIAIS

Recursos Humanos

Além do ensino primário ser qualitativamente deficiente, a taxa de escolarização primária em 1964 atingiu apenas 54% da população escolarizável, bem inferior portanto à do Brasil que foi de 66%. No setor urbano essa taxa alcançou 80% e no setor rural apenas 38%.

Um dos problemas mais sérios do Nordeste é a insuficiência de mão-de-obra qualificada. Em parte, tal se deve ao fato de que a estrutura educacional da área não estava preparada para suprir a demanda de mão-de-obra necessária ao processo de desenvolvimento econômico e particularmente a expansão industrial desencadeada na área. De fato, em 1964 existiam somente 71 estabelecimentos de ensino agrícola e industrial no Nordeste, ou seja, cerca de 6% do número total de unidades de ensino médio.

Nesse mesmo ano, no ensino superior, o maior número de conclusões verificou-se no ramo Filosofia, Ciências e Letras, com 1096 diplomados, enquanto que as carreiras mais diretamente relacionadas com o desenvolvimento sócio-econômico registraram menos formandos: Medicina 360 e Engenharia 257. Os estabelecimentos de ensino superior concentram-se principalmente nas cidades de Recife, Salvador e Fortaleza.

A análise de uma geração escolar no Brasil revela que, de cada mil crianças inscritas na primeira série do curso primário em 1947 apenas 9, em média, conseguiram concluir um curso superior em 1961 (48 na Guanabara). Para o Nordeste, nesse mesmo ano apenas 9 foram diplomados.

Saúde

A tuberculose e as verminoses apresentam uma alta incidência na população nordestina, em virtude de um estado de carência alimentar crônica e da precariedade do equipamento de saneamento básico.

A mortalidade infantil atinge índices alarmantes: de cada mil nascidos vivos cerca de 260, em média, morriam antes de atingir um ano de idade em Teresina, no período 1960/63. Em Sal-

vador essa taxa ascendo a 101, um pouco inferior à média brasileira de 120 para esses mesmos anos. Apenas para confronto, a taxa de mortalidade infantil não vai além de 21,5 por 1.000 nascidos vivos na Dinamarca e 26,0 nos E.U.U.

No que concerne a equipamento hospitalar, existiam no Nordeste, em 1960, 13,4% leitos por 10.000 habitantes. A média no Brasil atingiu 31,3 nesse ano.

Da mesma forma a região se acha inferiorizada no que se relaciona ao número de médicos: 2,2 por 10.000 habitantes enquanto o nível médio nacional é de 4,6 médicos por 10.000 habitantes.

CONCLUSÕES

A análise da economia nordestina evidencia como principais problemas:

No setor de infra-estrutura, a integração da rede rodoviária interna e a ligação com o Centro-Sul do País, a ampliação da distribuição da energia elétrica e o equacionamento da geração, o planejamento do sistema de comunicações, o reparcelhamento e ampliação dos portos e a expansão dos serviços de abastecimento d'água e esgotos devem merecer uma atenção especial.

No setor de agropecuária, a estrutura fundiária inadequada, o uso de técnicas primitivas, a construção de açudes sem uma visão global da problemática regional, a deficiência de transportes, silos e armazéns, a ausência de uma assistência creditícia e técnica de maior expressão, o sistema de comercialização deficiente e as relações de trabalho nesse setor, são os principais fatores que contribuem para sua marginalização.

No setor industrial os principais problemas estão ligados à formação de pessoal qualificado, a baixa produtividade das indústrias tradicionais da área, principalmente a têxtil, açucareira e de couros, e ao aperfeiçoamento do sistema de incentivos fiscais.

No setor de educação, o aumento do índice de analfabetismo primário, a adaptação do ensino secundário e universitário às novas perspectivas da área, a melhoria do nível do ensino em geral e uma melhor distribuição espacial dos estabelecimentos de ensino merecem prioridade.

No setor de saúde, as prioridades devem concentrar-se na preparação de pessoal especializado, a fim de preencher a capacidade ociosa existente neste setor, na interiorização e ampliação da medicina, e na instalação de equipamentos adequados para as unidades hospitalares.